



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

TCC III

FRANCISCA ELLEN ROSE ALMEIDA SILVA

**INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROGRAMA
SOCIOASSISTENCIAL - AABB COMUNIDADE:
SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULO –
BATURITÉ 2023.**

BATURITÉ

2023

Francisca Ellen Rose Almeida Silva

Inclusão de crianças e adolescentes em programa socioassistencial - AABB

COMUNIDADE: Serviço e fortalecimento de vínculo – Baturité 2023.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Jacqueline da Silva Costa

BATURITÉ-CE

2023

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os métodos utilizados pelo projeto dentro do projeto Associações Atléticas Banco do Brasil (AABB Comunidade), para suprir ou amenizar os transtornos, conflitos e necessidades de crianças e adolescentes que passam por alguma violência ou violação de direitos, entender também quais são as consequências dessas problemáticas ainda persistentes na sociedade. O projeto tem como finalidade, oferecer serviços e fortalecimento de vínculos, que buscava o desenvolvimento integral desses jovens, bem como contribuir para reestruturar o convívio social e familiar dessas crianças através das atividades que eram oferecidas, e com todo o aparato possível e necessário para obter o resultado almejado. A pesquisa foi realizada especificamente no projeto acima mencionado que atendia a crianças e adolescente com faixa etária entre 7 a 17 anos e 11 meses, e que se encontravam em estado de vulnerabilidade ou em conflito social e familiar, ou não, além de crianças portadores de síndromes, transtornos ou deficiências, ou não. Na pesquisa será apresentado a história do projeto, como foi criado e como se deu o início de suas atividades, e os dados como; quantidade de alunos atendidos, suas necessidades, as modalidades e atividades realizadas, bem como a metodologia de aprendizagem que era utilizada pelos monitores, a relação entre ambos, as problemáticas que o projeto passou e suas dificuldades, como também o desenvolvimento e avanço das crianças que lá foram atendidas. Em uma breve análise feita a crianças e adolescentes do município de Baturité que sofrem algum tipo de violência física ou até mesmo psicológica na sociedade ou dentro da própria família, pude perceber que muitos ou boa parte delas, precisam e procuram através de encaminhamentos de profissionais e por sua família projetos ou atividades que possam ajudar que sua sociabilização seja reestruturada e os conflitos sofridos sejam superados. Infelizmente tivemos o encerramento das atividades do Programa AABB Comunidade em 2019. Período em que vivemos uma pandemia da COVID 19, e por falta de parcerias e condições financeiras para manter projeto, ele chegou ao fim. Lamentavelmente perdemos um grande veículo de aprendizagem, de assistência socioemocional, extremamente importante. Essas crianças ficaram por um tempo sem projeto, sem assistência, com ensino regular de forma remota devido ao período pandêmico, e depois ao retornar as atividades normais do município.

Palavras-chave: Crianças, violência, deficiências, reestruturação, projeto social

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	05
2.METODOLOGIA DE PESQUISA.....	08
3. OBJETIVOS	09
3.1 OBJETIVO GERAL.....	09
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	09
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
4.1 Apresentando o Projeto AABB COMUNIDADE-BATURITÉ.....	10
4.2 A historicidade da inclusão e breves apontamentos sobre o Autismo.....	14
5. RESULTADOS E DISCURSÕES.....	17
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1.INTRODUÇÃO

O interesse por esse tema surge quando tenho contato com o Projeto AABB Comunidade após conviver diretamente com membros do órgão de proteção à criança e adolescente o Conselho Tutelar de Baturité, e também com ligação direta a esse público através do meu antigo local de trabalho na Secretaria de Educação Municipal da mesma cidade, a qual foi possível perceber que está cada vez mais pertinente os problemas que os jovens vêm passando em meio a sociedade. Muitas vezes são ocasionados por conta do despreparo da família e (ou) responsável, que passam a tratar de forma violenta a essas crianças, ou que por outras vezes abrem mão de sua guarda por falta de condição financeira ou psicológica, que não conseguem ter em casa a orientação necessária para sua formação quanto crianças-adolescentes, que são violentadas por parentes, aderentes, e (ou) desconhecidos, crianças que muitas vezes precisam mudar de lar, que passam por separação dos pais, que são abusadas sexualmente, e que sofrem agressões físicas e psicológicas. Assim como a discriminação da sociedade, o preconceito também com crianças e adolescentes como transtornos, síndromes ou deficiência. Essas problemáticas apresentadas pelo(a) jovem (criança ou adolescente) na escola, na sociedade, ou em comunidade, começam a ser observadas por pessoas ligadas a essas crianças ou até mesmo, por pessoas distantes que procuram pelos responsáveis educacionais; escolas, professores – bem como, aos profissionais da área de proteção de direitos da criança e do adolescente – Conselho Tutelar, afim de buscar resolver, ou intermediar uma medida socioassistencial que possa ajudar com que aquele(a) jovem venha a restabelecer seu convívio social, a superar seus medos e aflições, e reduzir os danos ocasionados durante esse período de conflito familiar ou social da sua vida.

Trazer este tema para ser pesquisado é de fundamental importância, pois isso demonstra a importância da Unilab no Maciço de Baturité ao passo de que a Instituição Unilab foi fundamental não somente para a minha formação acadêmica, mas sim para que abrisse um leque de conhecimentos críticos que até pouco tempo não havia. De tal forma, a nossa pesquisa tem como objetivo analisar os métodos utilizados dentro do projeto para suprir ou amenizar os transtornos, conflitos e necessidades de crianças e adolescentes que passam por alguma violência ou violação de direitos, e quais as consequências dessas problemáticas ainda persistentes na sociedade, podendo compreender da importância do projeto socio assistencial para reestruturação social da criança e (ou) adolescente. Como também identificar a público alvo, o perfil das crianças e adolescentes assistidas, e a proposta do projeto e analisar através das narrativas da coordenadora, monitor e do aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autismo) que fizeram parte do projeto, os relatos sobre a proposta de intervenção de atividades para esse público afim, e a respeito das dificuldades superadas (em modo geral).

Desta forma podemos destacar que a pergunta geradora da minha pesquisa é: Qual a importância do projeto Associações Atléticas Banco do Brasil (AABB Comunidade-Baturité) para a reestruturação social da criança? De tal forma que a nossa pesquisa tem como título a "Inclusão de crianças e adolescentes no programa socio assistencial AABB Comunidade-Serviços e fortalecimento de vínculos". Portanto a pesquisa terá como lócus a cidade Baturité, especificamente no projeto acima citado que atende a crianças e adolescentes da cidade, onde os mesmos se encontram em estado de vulnerabilidade ou em conflito social e familiar, além de crianças portadores de síndromes, transtornos ou deficiências.

O projeto se destacava pelo quadro de monitores e (ou) educadores sociais, que acolhiam esses jovens que foram submetidos a vivências complexas que lhes causaram danos emocionais, e passam a trabalhar junto deles de forma educativa atividades teóricas que os possibilitam estimular o raciocínio e a mente, trabalhavam atividades dinamizadas a fim de estimular o corpo humano e sua desenvoltura, buscavam trabalhar a disciplina como; (obediência e respeito) entre as pessoas, além de possibilita-los a uma nova chance de conviver em meio a sociedade, mais fortalecidos e encorajados a aprender e vencer os obstáculos que lhes forem apresentados no decorrer de suas vidas.

Análise sobre a importância do projeto AABB Comunidade como meio fundamental ao fortalecimento de vínculos afetivos, familiares e social junto a crianças e adolescentes entre 7 a 176 anos que sofrem algum tipo de violência ou violação de direitos, ou não, e a crianças com síndromes, transtornos ou deficiência, a fim de combater a vulnerabilidade desses jovens, bem como, oferecer educação inclusiva, considerando as metodologias, atividades e assistência profissional das quais eram oferecidas. Partindo do pressuposto que nos dias atuais a violação de direitos, a violência e a falta de inclusão social e familiar contra a criança e ao adolescente tem sido um dos fatores mais importantes que vem desestruturando a formação de caráter desses jovens em sua infância e também na adolescência, muitas vezes lhes desviando até para o caminho do "mal" por falta de orientação e participação familiar, ou por falta de oportunidades. Buscaremos na pesquisa analisar os fatores mais pertinentes que fazem essas crianças passarem por esses transtornos e conflitos, e da importância do projeto socio assistencial nessa fase necessitada de acompanhamento dessas crianças. Com a melhor compreensão de como lida o projeto com essa classe, tendo em vista que é o seu público alvo (crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade, ou não, conflitos sociais ou familiares e deficiências), buscaremos ter maior clareza do quão é importante o amparo educativo, social, psicológico, dos quais já são oferecidos a essas crianças através do projeto, e como eles passam a superar, se comportar diante das orientações referentes as problemáticas por eles sofridas, e também como se dá o

desenvolvimento desde a entrada desse jovem no projeto até sua saída, levando em consideração que o projeto além de trabalhar a reestruturação física, mental e psíquica do aluno, ela também passa a ser um meio de informações e orientações ao aluno (a) com relação a vida, no certo ou no errado, suas vantagens e suas desvantagens, as consequências que podem ou não sofrerem, a participação e frequência na escola, a convivência afetiva junto da família, ao ciclo de amizade, o respeito ao próximo e a humanidade.

Desta forma, será possível entendermos que a criança e ao adolescente precisam do seu espaço assistido por profissionais competentes tanto na área da educação, na rede de proteção, como na assistência social e também na saúde. É a partir de toda essa unificação para com nossos jovens, que poderemos contribuir na formação de cidadãos, na efetivação de direitos e na construção de uma sociedade mais forte e menos sofrida.

2.METODOLOGIA DE PESQUISA

Este projeto de pesquisa teve como metodologia uma pesquisa qualitativa descritiva com abordagem de estudo de caso, utilizando como instrumento uma entrevista aberta e estruturada sobre a temática direcionada a coordenadora do projeto da época, ao um dos monitores, e um ex-aluno. O questionário de entrevista foi elaborado utilizando uma linguagem simples e objetiva com intuito de uma melhor compreensão, afim de relatar um pouco de suas vivencias dentro do projeto, assim como os desafios e seus avanços.

Este estudo teve uma abordagem qualitativa, de acordo Triviños (1987, p.132), a pesquisa qualitativa permite a escolha de um problema, uma coleta e a análise das informações obtidas, havendo flexibilidade nas etapas de coleta e análise dos dados. Através das informações coletadas ocorre à interpretação, o que pode originar a necessidade de procurar de novos dados, denotando a dinâmica flexível da pesquisa qualitativa e a exigência de revisão aprofundada da literatura relativa ao objeto de estudo. “Em geral pesquisas qualitativas preocupam-se em mostrar conceitos mais do que aplicar conceitos pré-existentes” (ZANELLI, 2002, p.80).

3.OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- Analisar os métodos utilizados dentro do projeto para suprir ou amenizar os transtornos, conflitos e necessidades de crianças e adolescentes que passam por alguma violência ou violação de direitos, e quais as consequências dessas problemáticas ainda persistentes na sociedade, podendo compreender da importância do projeto socio assistencial para reestruturação social da criança e (ou) adolescente.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar a público alvo, o perfil das crianças e adolescentes assistidas, e a proposta do projeto.
- Verificar quais as medidas e/ou metodologias são utilizadas pelos colaboradores (monitores, profissionais).
- Analisar através das narrativas da coordenadora, monitor e do aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autismo) que fizeram parte do projeto, os relatos sobre a proposta de intervenção de atividades para esse público afim, e a respeito das dificuldades superadas (em modo geral).
- Observar quais os avanços observados nas crianças e adolescentes atendidas no projeto e a importância do acompanhamento de suas famílias.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Apresentando o Projeto AABB COMUNIDADE-BATURITÉ.

O projeto Associações Atléticas Banco do Brasil ou mais popularmente conhecido como AABB Comunidade é um programa desenvolvido em parceria entre a Fundação Banco do Brasil e a Federação Nacional das Associações Atléticas Banco do Brasil (Fenabb) a 23 anos, desde fevereiro de 1997. O programa AABB Comunidade era executado na Cidade de Baturité, com sede no espaço do clube AABB, e por lá teve uma vida existente por 22 anos. O mesmo contava com parceria também de instituições locais como a Prefeitura Municipal de Baturité. Atendia crianças e adolescentes entre 07 a 17 ano e 11 meses de idade, tanto da zona urbana como rural, que tinha como finalidade a prestação de serviços e fortalecimento de vínculos com a sociedade, onde um de seus objetivos era a contribuição para a formação de cidadãos críticos, políticos e participativos, sendo que atuou também tendo como papel reestruturar o convívio social e familiar, assim como garantir a inclusão social de crianças e adolescentes com algum tipo de vulnerabilidade ou deficiência através das atividades oferecidas, e também com o aparato possível e necessário de profissionais da área para obter uma formação cidadã seja através do esporte, atividades recreativas ou ações pedagógicas.

AABB Comunidade, oferecia diariamente durante os turnos manhã e tarde atividades complementares como; teatro, dança, capoeira, canto, violão, percussão, futebol e atividades pedagógicas, bem como assistência social e psicológica, atendimento médico, odontológico, laboratorial e acompanhamento nutricional a 120 crianças e adolescentes que eram matriculados (as) no projeto durante o ano, sendo uma média de crianças e adolescentes, entre meninos e meninas de 40% negros e 60% brancos. As matrículas aconteciam no início de cada ano letivo, sendo que os alunos interessados ou encaminhados precisavam estar regularmente matriculados na escola, com frequência ativa, e também deveriam ser crianças de renda familiar de até no máximo um salário mínimo. Essa distribuição dos participantes acontecia de acordo com o horário em que o aluno vai para a escola, para seu ensino regular, onde no projeto iria frequentar como contra turno para desenvolver as atividades já mencionadas, trabalhando o serviço e fortalecimento de vínculo dessas crianças. Durante o decorrer do ano letivo do referido projeto, aconteciam de serem encaminhados (as) independente do período crianças ou adolescentes que estivessem necessitando com uma certa urgência dos serviços oferecidos pelo projeto, onde esses eram encaminhadas pelo órgão de proteção da crianças e do adolescente – Conselho Tutelar, com isso era feito uma triagem para receber esse jovem, e fazer todo o acompanhamento cabível para a sua adaptação e inclusão junto ao projeto que trabalhava em cima de sua vulnerabilidade.

Além de todas essas atividades e assistências oferecidas a essas crianças, o AABB Comunidade trabalha a inclusão social e educacional de crianças com transtornos ou deficiência, a fim de buscar a sociabilização de todos de maneira igualitária.

Nesse sentido, o projeto socioassistencial AABB Comunidade de Baturité, vinha cada vez mais contribuindo para a formação de cidadãos, trabalhando a educação inclusiva, e buscando a cada ano a renovação de suas atividades que se adequassem as necessidades dos alunos frequentadores do mesmo, bem como a demanda do município, a fim de desenvolver um trabalho de qualidade e com retorno positivo na reestruturação e superação de conflitos, transtornos e desenvolvimento de cada criança que por eles eram assistidas, onde contavam com profissionais capacitados para receber e efetivar as metodologias que eram implantadas pela instituição.

Abaixo segue algumas fotos do Acervo Pessoal do Antigo Gestor do Projeto AABB Comunidade, fotos cedidas e autorizadas pelo antigo Presidente Jose Lucio de Carvalho, este que esteve a frente da instituição até o encerramento das atividades do Projeto em 2020.



Foto do Acervo pessoal antigo Presidente Jose Lucio de Carvalho, mostrando o fardamento e alguns monitores (Foto sem datação)



Foto da oficina de capoeira do Acervo pessoal antigo Presidente Jose Lucio de Carvalho (Foto sem datação)



Reunião com os pais dos novos alunos. Acervo pessoal antigo Presidente Jose Lucio de Carvalho (2019)



Oficina de Capoeira Acervo pessoal antigo Presidente Jose Lucio de Carvalho (2018)

4.2 A historicidade da inclusão e breves apontamentos sobre o Autismo.

Para que tenhamos uma melhor compreensão de como as pessoas com necessidades especiais são enxergadas atualmente em nossa sociedade é necessário retornar a fatos do passado. Durante a idade média sobretudo com domínio irrestrito da igreja católica trouxe questões da bruxaria, e infelizmente os indivíduos deficientes eram considerados manifestações demoníacas, sendo esses seres considerados “castigo de Deus”, essa ideiação partia pelo fato de que essas pessoas não se comportavam como as outras, ou seja, fugiam da “normalidade”, além disso eram ainda considerados seres não possuíam alma, e caso houvesse seria a representação de algo maligno.

Segundo Carmo (1991), ainda Renascença, mesmo não de não havendo grandes ações que viabilizassem a retirada dos deficientes da marginalização, ainda assim teve grandes avanços nas relações entre pessoas com necessidades especiais e a sociedade em geral, pois foi nesse período que iniciou a criação de leis para auxiliar os pobres, velhos e deficientes.

No século XX, as duas grandes guerras deixaram um número elevado de pessoas com as mais variadas sequelas, isso fez com que as sociedades tivessem uma visão mais humanística em relação às pessoas com deficiências e que os governos voltassem a atenção para esse público, por isso houve um grande avanço na assistência as pessoas com deficiências. (GARCIA, 2013)

A partir desse percurso histórico traçado até agora percebemos que o deficiente, sempre foi encaminhado a viver a margem da sociedade, partindo de que em determinado momento era um sujeito sem alma outro digno da caridade humana. Sendo tardio o desenvolvimento de movimentos que lutassem a favor dos direitos das pessoas com deficiência. Seguindo esse recorte histórico, de acordo Mazzota (1996) a educação especial em solo brasileiro teve início por volta de 1884 com a criação do instituto dos Meninos Cegos e do Instituto dos Surdos-Mudos em 1857, na cidade do Rio de Janeiro. Esses espaços, mesmo como sendo precárias no que diz respeito ao número de atendimento era para época um significativo avanço, já que foi a partir desses movimentos que surgiram discussões sobre a educação institucionalizada para deficientes.

No decorrer dos anos os avanços foram chegando e os desafios começaram a ser superados, a partir de movimentos e declarações internacionais, que influenciaram positivamente Brasil a ter um discurso favorável a inclusão de pessoas com deficiência intelectual no ensino regular, um desses documentos produzidos destacamos a Declaração de Salamanca, realizada pela UNESCO em Salamanca. Outro marco fundamental no Brasil ocorreu em 20 de dezembro de 1996 quando foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394, trazendo no art. 58 institui a educação especial brasileira garantindo e regulamentando o acesso

da pessoa com deficiência ao ensino regular inclusivo. Depois tivemos a Lei Brasileira de Inclusão que foi sancionada em 2015, mesmo tendo passado cerca de 15 anos de tramitação, entrando somente em vigor a partir de janeiro de 2016. Destacamos ainda o ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.69, de 13 de julho de 1990, que dispõe no artigo 54: “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1990, p.25).

Dentro de nossa pesquisa tivemos a participação de um ex-aluno do Projeto AABB comunidade que tem o transtorno do Espectro Autista-TEA, de tal forma, entendemos que precisamos falar um pouco mais sobre o TEA dialogando sobre a inclusão de pessoas com essas especificidades. Assim, historicamente temos no final do século XVIII como também no século XIX as pessoas com transtornos mentais eram consideradas ‘idiotas’, onde aqueles que eram acometidos por algum problema mental acabavam por sendo classificados com ‘débil mental’, inclusive os autistas, uma vez que não se tinha conhecimento sobre o assunto. Sendo classificado como psicose infantil e confundido com esquizofrenia infantil.

Isto correu pelo fato que alguns pacientes observados pelo médico Howard Potter, em 1933 baseando-se nos estudos sobre esquizofrenia do psiquiatra suíço, realizado em 1911 por Eugen Bleuler. Que os descreve como pacientes apáticos, sem interesse em relacionar-se com o meio e mudanças de comportamento.

Em 1933, Howard Potter, médico do New York State Psychiatric Institute and Hospital, baseado na esquizofrenia descrita em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, apresentou e discutiu seis casos nos quais os sintomas haviam se iniciado antes da puberdade e que incluíam alterações no comportamento, falta de conexão emocional e ausência do instinto de integração com o ambiente. Propôs então que esse quadro fosse denominado de esquizofrenia infantil (BRASIL, 2015, p.16).

Hoje é sabido que, autismo é uma condição neurológica, que afeta principalmente a interação social dos indivíduos, com o meio e as pessoas de seu convívio, seja, na escola ou em casa. Mas por muitos anos a única explicação sobre as causas do autismo caíam sobre as famílias, principalmente em relação às mães, que por décadas foram ‘tidas’ com o rótulo de mães geladeiras. Uma vez que estas não dedicavam tempo, atenção e carinho para seus filhos, os deixando sem interesse a interagir com a sociedade. A partir de 1940, após muitas discussões e hipóteses acerca do autismo, dois médicos ganham destaque nos estudos relacionados ao assunto. Leo Kanner e Hans Asperger, que contribuíram com seus estudos para compreensão do autismo e para tirar das mães a culpa do transtorno de seus filhos.

Após as descobertas de Kanner e Asperger, surgem outros estudos sobre o que seria TEA, e quais os seus sintomas ou/ características. Alguns estudiosos descobriram que este transtorno não está relacionado com o afeto das famílias para com seus filhos, mas sim com o funcionamento

do cérebro. Em particular com as áreas responsáveis pela comunicação. Apesar do estudo sobre o espectro está em alta nos dias atuais, sua causa ainda não fora definida, o que existe são especulações e hipóteses. A estudos que apontam as causas como ambientais e genéticas, apontando falhas no sistema de saúde, culpabilizando as vacinas de imunização as doenças. (ZANOLLA e FOCK,2015) “o aumento da incidência de TEA e a pesquisa com fatores genéticos e ambientais desembocaram nas últimas décadas[...]”. Assim como com o uso de drogas pelos pais durante o processo de fecundação e gestação, abortos malsucedidos, infecções perinatais e exposição a substancia toxicas.

A união de todos os transtornos dentro do espectro possibilitou ser realizada a divisão dos mesmo em níveis ou graus. Com essa Premissa começou o entendimento que os níveis de autismo, servem para demonstrar que os indivíduos precisam de mais apoio na realização de suas atividades, seja em casa, escola ou no meio social. Estes níveis ou graus são classificados em três, leve, moderado e severo. No primeiro os indivíduos tem dificuldades para iniciar conversas e interagir com todos a sua volta. A aprendizagem é mais que satisfatória aprendendo mais rápidos que os demais alunos. No segundo as pessoas apresentam um pouco mais de dificuldades com a comunicação e socialização, isto devido ao fato que algumas apresentam um acentuado prejuízo na linguagem. Sendo verbal ou não verbal, precisando de apoio em algumas atividades a serem realizadas. Já no terceiro os sujeitos tem um acentuado prejuízo na comunicação, bem como na interação social, além de ter uma necessidade de apoio em todas as atividades seja na aprendizagem ou físicas. É bom lembrar toda regra há exceção e que o apoio nas realizações das atividades varia, dependendo das necessidades de cada criança. visto que o autismo muitas vezes vem associado a outros transtornos como: (TDAH, TOD, Hiperatividade entre outras).

5.RESULTADOS E DISCURSÕES

A escola em seu cotidiano passa por diversos problemas, como já discutimos de forma introdutória, ainda mais em meio aos dias atuais, onde a mesma enquanto instituição educacional precisa aprender a lidar com crianças que apresentam problemas graves de aprendizagem. E quando está instituição não se encontra prepara para fazer o enfrentamento disto, pode acabar fazendo o agravamento da situação, como por exemplo aflorando novos problemas, deste um autoconceito negativo até a indisciplina, rebeldia ou mesmo a agressão, pois a criança busca mecanismo de defesas que podem ser entendidos como justificativa para explicarem a incompetência diante da aprendizagem escolar.

No caso do projeto estudado, o mesmo não acontecia dentro da escola e sim por uma instituição privada, de tal forma, a mesma mantinha esse projeto social com fins de ajudar socialmente a comunidade de Baturité, lembrando que este tinha como mantenedor o Banco do Brasil, acontecendo em diversos municípios do Estado do Ceará e também em outros estados. Entretanto, a cerca de 4(quatro anos) os projetos foram sendo desativados como foi o caso do Município de Baturité que ocorreu no ano de 2019.

Nossas entrevistas ocorrerem por conta da pandemia somente no ano de 2022, pois, com o projeto inativo encontrar os sujeitos participantes das entrevistas tornou-se complexo, sendo um trabalho minucioso de buscar os contatos e de ir muitas das vezes de porta em porta até encontrar os gestores, professores e também alunos do projeto.

Para que possamos compreender como ocorria o projeto e o seu atendimento a comunidade entrevistamos a coordenadora do projeto da época, um monitor e um aluno com TEA (Transtorno de Espectro Autista), com intuito de conhecer o projeto em diferentes âmbitos.

Nisto, temos o relato da coordenadora pedagógica do projeto na época, que esteve a frente do cargo do período de 2005 a 2019, a mesma inicia:

*“Eram atendidos anualmente em média 120 crianças e adolescentes apresentando ou não situações de vulnerabilidade social ou síndromes, transtornos ou deficiências. No projeto existia atividades: canto, dança, teatro, violão, percussão, capoeira e futebol, natação para os alunos e hidroginástica para os pais dos nossos alunos e a comunidade em geral.”
(Maria, professora, 51 anos).*

Com o relato de Maria entendemos que o AABB Comunidade abarcava não somente os educandos, mas sim as famílias e a comunidade em torno da instituição. E a partir do relato inicial dessa gestora é possível perceber que exista um número razoável de pessoas que eram atendidos. Oficinas está que ajudavam de forma significativa no desenvolvimento social e

cognitivo desses sujeitos. A qual, podemos corroborar o papel socio educador que este projeto mantinha, pois, temos uma junção com os conhecimentos vivenciados no programa com o que o aluno tinha na escola (o projeto ocorria no contra turno), impactando assim na troca de saberes entre os sujeitos que ali estava e a instituição escolar de origem. Onde através dessas oficinas citadas pela antiga gestora entendemos que as mesmas eram praticas transformadoras, e corroborando com Paulo Freire e sua obra “Educação como Pratica de Liberdade” (1967) percebemos a educação como um meio de liberdade ao indivíduo tornando-se a base para os objetivos e princípios do programa AABB Comunidade, que foi o lócus da nossa pesquisa.

É através desse trecho de José, que foi educador social do projeto durante 15 anos, que atendia uma média de 40 alunos por turma da oficina de capoeira, que percebemos a construção social dos educandos com deficiência ou não:

“A proposta do programa foi a educação social e a inclusão através da ludicidade, da arte, da cultura, do esporte e do lazer. Desse modo, a capoeira entra como uma das ferramentas desse processo.”
(José, educador social, 39 anos).

Como podemos perceber a educação é um processo histórico sócio e cultural, sendo assim, de acordo com os (PCN) parâmetros Curriculares Nacionais, a educação é um meio no qual “O desenvolvimento de capacidades, como as de relações interpessoal, as cognitivas, as afetivas, as motoras, as éticas, as estéticas de inserção social, torna-se possível mediante o processo de construção e reconstrução de conhecimentos”.

Nisto, como nos fala Freire, Brandão (2007) também dialoga que a educação deve ofertar uma proposta libertadora, voltada para a construção da consciência crítica, quando coloca:

(...)Na educação, como o homem a prática, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impede todas as espécies vivas a conservação e a propaganda de seu tipo. É nela, porém, que essa força atinge o seu mais alto grau de intensidade, através do esforço consciente do conhecimento e da vontade, dirigida para a consecução de um fim”.
(BRANDAO, 2007, p. 15)

Seguindo nesse pensamento de uma sociedade que proporciona aos seus sujeitos praticas libertadores através da arte, da música, dos esportes e suas mais diversas manifestações e que começamos o debate sobre a inclusão de pessoas com necessidades específicas e dificuldades de aprendizagens, como já salientado que o projeto também ofertava aulas de reforços e acompanhamentos médicos e pedagógicos.

De tal forma, De Carlo (2011) nos traz uma importante reflexão:

[...]a pessoa com deficiência não tem algo ‘a menos’ que a normal. A peculiaridade do desenvolvimento do deficiente não está no desaparecimento de funções que podem ser observadas na pessoa ‘normal’, mas nas novas formações que se constroem como reação ante a deficiência. [...] as funções intelectuais, não estando igualmente afetadas, conferem uma forma qualitativamente peculiar à deficiência mental. (DE CARLO, 2001, p. 74-75)

Nesse contexto, o nosso objeto de estudo era uma ação educacional que provocava uma ou mais intervenções na vida individual e coletiva do indivíduo, onde também pode proporcionar a superação de determinado modo de ser das pessoas, algo que para Freire a educação é o meio de construção de uma sociedade consciente e mais livre, e que por meio desta podemos ir de encontro a uma sociedade democrática que busca por transformações.

Dialogando de forma mais aprofundada de como ocorria o funcionamento do projeto, temos alguns relatos que discorre bem sobre os processos de ensino aprendizagem se relacionavam com as questões assistenciais:

“O Programa tem metodologia e PPP (Plano Político Pedagógico) próprio pela PUC de São Paulo, funciona entre parceria da Fundação Banco do Brasil, FENABB (Federação Nacional de AABBs) e parceiro local (Empresa Pública ou Privada). Através das atividades e modalidades oferecidas atua diretamente na intervenção da garantia de direitos básicos de saúde, alimentação, educação e inclusão social, que é a premissa do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.”

(José, educador social, 39 anos)

“As metodologias de aprendizagem eram praticadas pela coordenação pedagógica e seus monitores através da ludicidade, musicalidade, a forte prática do diálogo, o uso das artes plásticas em grupos, além dos áudios visuais, dentre outras atividades.”

(Maria, professora, 51 anos)

Adentrando nas questões relacionadas ao atendimento do projeto as pessoas com necessidades específicas, temos um relato de Kauê Silva que dialoga diretamente conosco, o mesmo é ex-aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista) que ingressou no projeto no ano de 2013 quando tinha nove anos de idade e permaneceu até o encerramento do projeto em 2019, que diz que o projeto AABB comunidade entrou na vida dele para mudar tudo, e o que levou a participar do projeto foi as dificuldades e desafios que teve durante toda a vida, relatando que gostava de várias atividades, mas a sua preferida eram as oficinas de teatro.

Sobre o entrevistado Kauê Silva, atualmente o mesmo tem 19 anos e concluiu o ensino médio no Liceu de Baturité, tendo sua formatura em dezembro de 2022, o mesmo não conseguiu verbalizar muito em nossas entrevistas sendo acompanhado por sua mãe, onde a mesma autorizou que o mesmo poderia ser citado na pesquisa. Mas, conseguimos compreender com ajuda da mãe

alguns relatos do ex-aluno:

“O projeto entrou na minha vida para mudar tudo. E o que me levou a participar do projeto foi as dificuldades e os desafios que tive durante toda minha vida por ser uma criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista)”.

“Um momento marcante que nunca vou esquecer foi uma competição de um jogo da memória muito difícil e eu ganhei a medalha de ouro”. Desde então, eu percebi que posso fazer tudo como qualquer outra pessoa”.

(Kauê Silva ex-aluno, 19 anos)

Através desses trechos em que tivemos momentos de emoção pela mãe de Kauê Silva ,a mesma frisou a importância que o projeto AABB Comunidade teve no desenvolvimento do seu filho, ao passo de que o mesmo dentro do projeto tinha atendimento especializado e sobretudo fazia as oficinas, especificamente na oficina de teatro a qual declarou que foi essencial para que o Kauê conseguisse socializar com menos dificuldade, e interagindo mais fisicamente com as pessoas ao seu redor, abraçando e conversando, algo que era dificultoso para o mesmo.



Kaue Silva no jardim que tinha em torno de um dos espaços da piscina.

Foto cedida e autorizada do acervo pessoal da senhora Patrícia Silva (2019)

Está imagem segundo a mãe foi umas das últimas fotos tirada pelo filho antes que o projeto fechasse as portas.



Kaue Silva e a senhora Rayna Freitas (Educadora Social do Projeto).

Acervo pessoal antigo Presidente Jose Lucio de Carvalho (2019)

Na foto Kauê Silva está com a época Educadora Social Rayna Freitas, a mesma que o acompanha em muitos dos seus momentos dentro da instituição, para a inclusão dessa foto no trabalho pedimos autorização da mãe do ex aluno e também da senhora Rayna Freitas.

Sobre a inclusão dentro do Projeto AABB Comunidade Maria pontua que:

“O projeto acolhia as crianças portadoras de síndrome ou deficiência, dando assistência voltada para suas limitações ou realidades, com atividades lúdicas diferenciadas com intuito de fortalecer o seu desenvolvimento. Buscava total interação das demais crianças, promovendo a inclusão e socialização através de várias atividades lúdicas.”

(Maria, professora, 51 anos

José complementa que:

“Como o próprio nome já diz, o Programa Integração AABB Comunidade é um programa nacional que integra crianças e adolescentes em todo Brasil ao clube AABB, sendo elas devidamente matriculadas na rede pública de ensino, em estado de vulnerabilidade ou não, e portadores de transtornos, síndromes ou deficiências. Com isso, a proposta do programa sempre foi a educação e a inclusão social através da arte, cultura, esporte e lazer”

(José, educador social, 39 anos).

A educação inclusiva é uma questão de direitos humanos. Para tanto está legalmente alicerçada nos documentos oficiais, como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, Constituição Federal de 1988, entre outros.

Para além disso, é percebido que dentro do projeto a inclusão acontecia não somente para o discente, mas também de forma extensiva para as famílias, como podemos observar na imagem cedida pela senhora Patrícia Silva, mãe de Kauê Silva. A foto é do ano de 2019 quando foi realizado um dia todo para as mães dos discentes, segundo a senhora Patrícia esse dia foi repleto de homenagens, onde a mesma não imaginava que no ano seguinte com a chegada da pandemia o projeto chegaria ao fim.



Foto cedida e autorizada do acervo pessoal da senhora Patrícia Silva. (2019)

Kaue e sua mãe no dia em alusão as Mães.

Neste sentido, para uma educação inclusiva bem sucedida Giangreco (1997) ressalta que:

o trabalho colaborativo em equipes, desenvolvendo uma estrutura compartilhada, envolvendo famílias, o domínio geral do educador, relações claras sobre os papéis entre os profissionais, uso efetivo do pessoal de apoio, determinação dos serviços de apoio, desenvolvimento de planos educacionais individualizados significativos e avaliação da eficiência da educação. (GIANGRECO, 1997 apud PACHECO, 2008, p. 15).

Nesse olhar entende-se que numa educação inclusiva, a aprendizagem caminha a partir de alguns princípios que são basilares, e com a colaboração da família, escola e comunidade, há uma maior possibilidade do resultado ser positivo, esse tripé deve estar sempre em conjunto, uma vez que isso ajudará para o desenvolvimento da inclusão, no entanto, a participação da família é de extrema importância, pois irá influenciar quanto as resoluções dos problemas, nas atitudes, valores e práticas em relação à educação inclusiva.

Sobre as questões do projeto voltados para o avanço no desenvolvimento dos alunos com necessidades específicas, os entrevistados relatam que:

“São inúmeros os avanços: melhor capacidade de interagir, melhor desempenho nas atividades em oficinas, melhor desempenho nas atividades escolares, melhor nível de compreensão, aumento da capacidade de superação e melhora na auto-estima. E vale salientar a grande parceria da família, escola e comunidade como pilar fundamental para a construção/crescimento das crianças e adolescentes no âmbito pessoal e em sua formação cidadã”.

(Maria, professora, 51 anos)

“Desde que entrei no projeto superei muitas coisas, entre elas o preconceito e os olhares tortos de algumas pessoas. E foi lá que tive apoio suficiente para superar esses obstáculos e me sentir em casa.”

“Sempre achei importante minha mãe participar de todos os momentos que vivi no projeto. Ela sempre me ajudou no que precisava e me sentia mais seguro ao lado dela.”

(Kauê Silva ex-aluno)

Nessa construção temos o relato importante de José quando discorre:

“O Programa sempre atuou em parceria com as famílias e escolas dos educandos. Dessa forma, sua contribuição foi fundamental na formação cidadã desses alunos. Segundo os relatos deles próprios ao encontrarmos os mesmos na fase adulta, em seus ambientes de trabalho, estudo, lazer onde podemos perceber seus avanços e conquistas, eles(as) sempre relatam saudades e boas lembranças, além de comentarem a importância que o Programa teve em suas vidas e que provavelmente não seriam as pessoas que são hoje se não fossem as orientações recebidas durante o período em que por lá passaram e vivenciaram o Programa.”

(José, educador social, 39 anos)

Segundo Thomas (1997), “foi destacado que a popularidade da noção de inclusão deve-se ao fato de que ela ressoa com ideias de inclusão em contexto mais amplo na sociedade e em um mundo 14 onde todos têm um interesse e ninguém é excluído” (THOMAS 1997, p.103, apud PACHECO, 2008, p. 16). A partir dessa afirmação, entendemos que a inclusão abrange toda a escala social, visando à igualdade de todos, onde os que são colocados à margem da sociedade por vários motivos, inclusive a situação de pobreza, os quais se sentem excluídos, devem junto com todos lutar pela inclusão social. E o projeto estudado através da percepção afetiva que os seus antigos gestores, educadores e alunos nos repassaram através das entrevistas é que o mesmo era valioso para a comunidade, primeiramente pela retirada da ociosidade das crianças e jovens e por conseguinte era uma fonte de renda para os profissionais de Baturité, pois, o AABB Comunidade tinha como foco também proporcionar trabalho e formação para os seus colaboradores.

Para finalizar as análises de nossas entrevistas, deixamos aqui de forma livre a fala dos entrevistados deixando suas considerações de forma saudosista sobre o projeto que participaram durante anos:

“Ao longo desses anos foram mais de 2.500 crianças e adolescentes atendidos. Vidas que foram olhadas com carinho e atenção por parte de um Programa com extraordinária amplitude pedagógica. É de lamentar que mais crianças não possamos ajudar. Porém, o que me consola é saber que conseguimos ajudar a tantos que por nós passaram. Sensação de termos feito o que estava ao nosso alcance. Enquanto pudemos, cumprimos com muito amor nossa missão.”

(Maria, professora, 51 anos)

“Pra finalizar eu queria dizer que hoje eu sou uma pessoa de bem com a vida, sem medo de enfrentar qualquer coisa. E agradeço muito ao Senhor Lúcio e a Tia Beth que sempre estiveram ao meu lado me dando todo suporte pra mim ser o que sou hoje. Feliz.”

(Kauê Silva ex-aluno, 19 anos, passagem realizada com ajuda de sua mãe)

De tal forma, corroborando com os relatos o programa AABB Comunidade sempre foi destaque na cidade de Baturité, ele teve como presidente o Sr. Lúcio Carvalho, que também foi coordenador financeiro. O Sr. Lúcio, muito se dedicou para manter o programa em ordem sempre trabalhando um planejamento no participativo. Ele era um eterno apaixonado por toda a história e trajetória socio assistencial desenvolvida junto a população, e muito lamentou pelo fechamento do clube, pois sabia que isso causaria o fim do programa no município. Porém, tem consciência que fez o que pôde ser feito e se emociona ao pensar que pôde ajudar aos educandos e famílias a formar cidadãos que serão muito úteis a sociedade no presente e no futuro, o mesmo não quis participar de forma direta da pesquisa, ao nosso ver o assunto da inatividade do projeto de alguma afetiva é um assunto delicado para o mesmo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Foram anos de muito trabalho, de assistência a crianças e adolescente com vulnerabilidade social, ou não, e com síndromes, transtornos ou deficiências. Contava com uma equipe multidisciplinar de excelência, onde desenvolvia diversas atividades no âmbito social, cultural, esportivo, lazer e cidadania. No seu grupo de colaboradores cedidos pela prefeitura municipal de Baturité de quem era parceiro contava com: Professores, pedagogos, educador físico, educador social, bem como profissionais da área da limpeza e merenda escolar. Além de todos esses grandes profissionais, o projeto contava com a parceria de toda a rede de proteção à Criança e ao Adolescente de Baturité; conselho tutelar, CRAS, CREAS, afim de ter um amparo necessário na garantia dos direitos desses jovens.

Como já mencionado na minha justificativa anteriormente, a escolha da minha pesquisa se deu a partir de vivências e observações oriundas ao desenvolver do projeto na cidade. Se via que o programa era motivo de concorrência entre pais que queriam que seus filhos frequentassem e tivessem uma atividade extra, no contra turno do ensino regular para complementar a trajetória socio educacional de seus filhos. Por outra, via-se também as escolas e os órgão de proteção que encaminhavam aquelas crianças e ou adolescentes que apresentavam algum conflito familiar ou viviam em estado de vulnerabilidade social para o projeto, afim de buscar reestabelecer o convívio familiar e afetivo, assim como reestruturar a convivência em sociedade, pois no AABB Comunidade, não se trabalhava apenas a teoria educacional, ou as práticas de oficinas, mas também a formação cidadã e o fortalecimento de vínculo.

O estudo de caso apresentado através das entrevistas realizadas com pessoas que fizeram parte efetivamente da vida existencial do projeto AABB Comunidade, mostra quão importante foi esse projeto não só para a cidade de Baturité, mas, para todos aqueles que fizeram parte. Eram vidas de crianças que foram acompanhadas durante 22 anos. Existiam várias oficinas que trabalharam desde o conhecimento teórico, a pratica, ao comportamento, a disciplina e o entendimento com cada um deles do que tudo aquilo agregava de valores em suas vidas e em sua formação enquanto cidadão. Lá eles desenvolviam o dançar, o cantar, tocavam, brincavam, jogavam capoeira, participam efetivamente das atividades do município, e até em encontros anuais das AABB's de todo o estado. Eram momentos ricos e repletos de realizações e conquistas. Nas entrevistas se pode perceber todo esse amor, carinho, dedicação e o quanto o programa contribuiu na vida desses quase 2.500 jovens atendidos no projeto.

Dentre esses jovens, tiveram aqueles que não tiveram problemas emocionais, familiares e nem deficiências, mas que puderam usufruir de toda essa proposta de formação cidadã que o

projeto trazia. Outros, tivemos aqueles que precisaram de uma atenção a mais por alguma problema família, conflitos, e que pôde ter amparo social, emocional, psicológico e um grupo de profissionais dispostos a contribuir com a reestruturação desse jovem e a superação desses conflitos. Já aqueles alunos portadores de deficiência, tiveram dentro do projeto a oportunidade de se desenvolver como qualquer outra pessoa. Puderam usufruir de uma inclusão social, e tiveram o olhar voltado para eles no sentido de que precisamos de uma sociedade igual para todos.

Contudo, infelizmente tivemos o encerramento das atividades do Programa AABB Comunidade em 2019. Período em que vivemos uma pandemia da COVID 19, e por falta de parcerias e condições financeiras para manter projeto, ele chegou ao fim. Lamentavelmente perdemos um grande veículo de aprendizagem, de assistência socioemocional, extremamente importante. Essas crianças ficaram por um tempo sem projeto, sem assistência, com ensino regular de forma remota devido ao período pandêmico, e depois ao retornar as atividades normais do município, começaram a ser incluídas em um ensino de escola de tempo integral. Mas como será que vem funcionando a escola de tempo integral? Sabemos que o início de tudo é bem complexo e difícil, com isso muitas crianças que faziam parte do projeto ainda estão sem tempo integral, ou seja, também estão sem atividades no âmbito cultural, social, esportivo, entre outros... E ao meu ver, diante de todas as considerações e reflexões feitas voltadas para esse tipo de atividades que um projeto socioassistencial realiza com crianças e adolescentes, e quão essas atividades foram e são importantes para o crescimento pessoal e a formação cidadã desses jovens, acredito que o ensino de tempo integral nas escolas, em seu contraturno deve sim trabalhar um modelo específico de desenvolver não somente o famoso “reforço escolar”, mas sim, essas atividades extra curriculares que além de ajudar a desenvolver o aluno, contribuirá para despertar um melhor interesse a estar na escola durante todo do dia.

Posto isto, encerro a minha conclusão com certeza e o reconhecimento da importância que para mim foi falar de um tema tão significativo para minha cidade e para a população que aqui habita. Mostrando um pouco do que foi a riqueza desse projeto, a sua importância, e com isso falar do grande valor e admiração que a sociedade Baturiteense tem para com o Programa AABB Comunidade – Serviço e Fortalecimento de Vínculos. Sem dúvida algo que no meu ponto de vista é um bem cultural e imaterial da cidade de Baturité.

REFERÊNCIAS

BRANDAO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: out. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. Linha de Cuidado Para Atenção Integral as Pessoas Com Transtorno do Espectro Autista e Suas Famílias no Sistema Único de Saúde. Brasília .2015.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

CARMO, A. A. do. Deficiência física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina. Brasília: Secretaria dos Desportos/PR, 1991.

DE CARLO, M. R. P. Se essa casa fosse nossa. Instituições e processos de imaginação na Educação Especial. São Paulo: Plexus, 2001.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARCIA, Vinicius Gaspar. As pessoas com deficiência na história do mundo. Disponível em:<http://www.deficienteciente.com.br/as-pessoas-com-deficiencia-na-historia-do-mundo.html> - Acesso em 15 de janeiro de 2022.

Giangreco, M. F., (Ed.), (1997). Quick Guides to Inclusion: Ideas for Educating Students with Disabilities. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing.

MAZZOTA, Marcos José da Silveira. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. São Paulo. Cortez, 1996.

Parâmetros Curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. -3. Ed- Brasília: A secretaria, 2001. 126p
PACHECO, José. Caminhos para a inclusão. Porto alegre: Artmed 2007.

TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p.128-133.

ZANELLI, José Carlos. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. Estudos de Psicologia, v. 7, p. 79-88, 2002.

ZANOLLA, Thais Arbocese, FOCK, Rodrigo Ambroiso et tal. Causas Genéticas, Epigenéticas e Ambientais do Transtorno do Espectro Autista. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo,2015, v.15, n.2, p. 29-42.